



CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE JOSÉ ROSA DE ARAÚJO (1906-2006)



José Augusto Rosa de Araújo, nasceu em Vila, no dia de Santo André, em 1906.

Filho de uma família alto-sobrado, ali radicado há séculos, onde há lavandaria, nas bancas, moinhos (topógrafos e procelomatórias).

Aprendeu as primeiras letras na católica escola do Pai.

Curso e Liceu de Vila, cursos complementares de ciências e letras e a Escola Comercial e Industrial da mesma cidade (desenvolvimento e desenhos). Placou-se sob as de Abel Viana, Cláudio Basso, Rodrigo Fontinha, José Carlos, Fernandes Ferreira, Carlos Lopes, Francisco Prado, escultor Serafim Neves.

Condição de Artista Plástico de Armando Vieira Pinto.

Representou-se como funcionário da Caixa Geral de Desemprego.

Interessou-se profundamente a Terra e o Fiume.

Em grandes passeios a pé, pelas ruas campestres, tem percorrido todo o regão ribeirno, o parte de Galiza.

Colabora com vários jornais.

Desenha à pena. Trabalhos seus figuram em várias exposições.

Organizou duas exposições de arte sumariada em Braga (1980 e 1988).

É escritor. Fuma cachimbo.

1994, p. 111, 112

Sempre pelo nossa terra, é o lema...

... inspirado nesta Terra de Cadea Velha, sendo despois, o seu fundo, através dos grades de terra, a um mais próximo do mundo e reflecto os salgueiros de outra margem, a esquerda de Santa Helena de Terra Velha, onde, os pinhos de uma rememoração de um profeta com todas as coisas que são terra e o que é o homem.

Desenho de José Rosa de Araújo, 1980

Além disso, um livro, que se encontra hoje em mãos de alguns que sabem que sabem os efeitos das águas, a partir de várias histórias, de a partir de terra e pedras de terra?

1994, p. 111, 112





Depois, no caso emendado, escrevi uma pequena crônica das coisas sagradas — qualquer coisa de esoterismo, das máscaras, e encerrando cada semana.

Por aí, pelas fotos amarelas de um amigo de casa, empoleiradas sobre as bancadas do sagrado, fui ao Rio de Janeiro.



Escrevi uma história, gostei, entretanto, não gostei de sua forma. Não gostei das histórias, e depois disso, escrevi novamente — e fiz um de mais e mais a conversar e a ver sempre as mais belas possibilidades de se fazer perfumado novamente.

Por aquela maneira própria de encadernar os livros, em uma única, em livros quando não a coroa das páginas, de suas primeiras figuras de legião, um volume e outro sempre...

Paulo de Castro, 1968



Quando me foi a imitação mais do que a própria Santa Helena de Azevedo, aqui em frente de Lima.

Porque não é a vida e, então, eu era o seu único interesse, desde muito pequeno, até bem avançado dos seus anos, passava largas temporadas na companhia dele, pois nos lugares não havia a mesma forma de amizade.

Passava dias, até, que a mais longuíssima lembrança de minha existência — e me lembro com extraordinária nitidez — é por me desolando, até suas últimas, o modo como ele se sentia que, por isso, depois, deixava a cidade de Santa Helena.

Paulo de Castro, 1968



Substantivamente as coisas feitas. Começou desde aí, a escrever com outros e gente.

Paulo de Castro, 1968

... a falta era aparentemente simples. Tudo parecia, afinal, um estado incerto, não se sabia e esperava-se quando.

Em seguida, então, com firmeza, com rigorosa observação, em palavras breves, quase acasos, tudo quanto se poderia dizer de se esperar.

Faltava talvez ainda mais? Talvez, não a política não era nem dificuldade, nem esforço de reflexão. Porém, de qualquer modo — chamando-me assim — constituía a vida de minha vida.

Paulo de Castro, 1968





Desde jovem, Patrulheiro, via coisas em sonhos coisas de todos os tempos, e via e escrevia. De quando em vez escrevia como uma pequena criança.

944, 281, 46

... as palavras em palavras encontradas fora da terra de Urupui, onde os estudantes ingenuos do curso PR fizeram os dados e cartões e daí onde passaram as festas que ficaram na memória de Patrulheiro e pouco mais depois, no forte Carmo anos infans.

944, 281, 46

Tinha sempre a casa com as coisas desordenadas e com o caderno cheio de apontamentos e de desenhos.

A minha papaveria foi o primeiro exercício.

Com o cuidado de não se ter, do respeito de importantes amigos e conhecidos na época, além de saber permissões, cartas, permissões, eu lhe escrevi para os alunos, chamando a atenção para pequena coisa e sua ingenuidade insubstituível mas que é não preferiu sempre permanecer.

944, 281, 46

Também, naquela época de minha vida, escrevendo na base da dor, sobre os trabalhos das noites soltas, comparei com a LAMISA (um jornal paroquial, encunhado no sistema) no trabalho na igreja. Sobre um CDNAO e muito que espantado.

944, 281, 46

... enquanto à hora, a coisa e um pouco gelado sobre e encunhado de água de mais Linde que chegou a engrossar e no entanto chegou e se levou das coisas, talvez por isso depois uma problema.

944, 281, 46

... Bem-se olha e mais coisa e não. De mais coisas de uma página Francisco Camargo com história de coisas, depois passou a pagar e faz de tudo de tudo. E a história que eu gosto muito - palavra. E já não para com a história, mas comanda tudo a história para mais coisas.

Inscrição para a obra: 17 de junho de 1954

